

**Domingo de Ramos e a Paixão de Cristo Jesus**

Amados irmãos, que a Paz do Senhor seja plena na vida de todos vocês!

Neste domingo (5 de abril de 2020) relembramos o chamado Domingo de Ramos, o dia em que Jesus finaliza sua “caminhada” até Jerusalém e nela entra aclamado pelo povo. Tal “caminhada”, mais espiritual do que física, inicia-se na Galileia e se encerra na última semana em que Ele mantém sua natureza humana entre nós. Estamos findando o período da Quaresma, da nossa emblemática preparação para que nos encontremos com a divindade, para que nos libertemos de tudo que impede a nossa união com Cristo em sua morte, com vistas a compartilharmos de sua ressurreição.

Convidamos, então, a leitura partilhada do texto evangélico de hoje e a refletirmos juntos a respeito, focando o nosso cotidiano.

11Jesus compareceu diante do governador, que o interrogou: “És o rei dos judeus?”. “Sim” –, respondeu-lhe Jesus. 12Ele, porém, nada respondia às acusações dos príncipes dos sacerdotes e dos anciãos. 13Perguntou-lhe Pilatos: “Não ouves todos os testemunhos que levantam contra ti?”. 14Mas, para grande admiração do governador, não quis responder a nenhuma acusação. 15Era costume que o governador soltasse um preso a pedido do povo em cada festa de Páscoa. 16Ora, havia naquela ocasião um prisio­neiro famoso, chamado Barrabás. 17Pilatos dirigiu-se ao povo reunido: “Qual quereis que eu vos solte: Barrabás ou Jesus, que se chama Cristo?”. 18(Ele sabia que tinham entregue Jesus por inveja.) 19Enquanto estava sentado no tribunal, sua mulher lhe mandou dizer: “Nada faças a esse justo. Fui hoje atormentada por um sonho que lhe diz respeito”. 20Mas os príncipes dos sacerdotes e os anciãos persuadiram o povo que pedisse a libertação de Barrabás e fizesse morrer Jesus. 21O governador tomou então a palavra: “Qual dos dois quereis que eu vos solte?”. Res­ponderam: “Barrabás!”. 22Pilatos perguntou: “Que farei então de Jesus, que é chamado o Cristo?”. Todos responderam: “Seja crucificado!”. 23O governador tornou a perguntar: “Mas que mal fez ele?”. E gritavam ainda mais forte: “Seja crucificado!”. 24Pilatos viu que nada adiantava, mas que, ao contrário, o tumulto crescia. Fez com que lhe trouxessem água, lavou as mãos diante do povo e disse: “Sou inocente do sangue deste homem. Isto é lá convosco!”. 25E todo o povo respondeu: “Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!”. 26Libertou então Barrabás, mandou açoitar Jesus e lho entregou para ser crucificado. 27Os soldados do governador conduziram Jesus para o pretório e rodearam-no com todo o pelotão. 28Arrancaram-lhe as vestes e colocaram-lhe um manto escarlate. 29Depois, trançaram uma coroa de espinhos, meteram-lha na cabeça e puseram-lhe na mão uma vara. Dobrando os joelhos diante dele, diziam com escárnio: “Salve, rei dos judeus!”. 30Cuspiam-lhe no rosto e, tomando da vara, davam-lhe golpes na cabeça. 31Depois de escarnecerem dele, tiraram-lhe o manto e entregaram-lhe as vestes. Em seguida, levaram-no para o crucificar. 32Saindo, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão, a quem obrigaram a levar a cruz de Jesus. 33Chegaram ao lugar chamado Gólgota, isto é, lugar do crânio. 34Deram-lhe de beber vinho misturado com fel. Ele provou, mas se recusou a beber. 35Depois de o haverem crucificado, dividiram suas vestes entre si, tirando à sorte. Cumpriu-se assim a profecia do profeta: Repartiram entre si minhas vestes e sobre meu manto lançaram à sorte (Sl 21,19). 36Sentaram-se e montaram guarda. 37Por cima de sua cabeça penduraram um escrito trazendo o motivo de sua crucificação: “Este é Jesus, o rei dos judeus”. 38Ao mesmo tempo foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda. 39Os que passavam o injuriavam, sacudiam a cabeça e diziam: 40“Tu, que destróis o templo e o reconstróis em três dias, salva-te a ti mesmo! Se és o Filho de Deus, desce da cruz!”. 41Os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos também zombavam dele: 42“Ele salvou a outros e não pode salvar-se a si mesmo! Se é rei de Israel, desça agora da cruz e nós creremos nele! 43Confiou em Deus, Deus o livre agora, se o ama, porque ele disse: Eu sou o Filho de Deus!”. 44E os ladrões, crucificados com ele, também o ultrajavam. 45Desde a hora sexta até a nona, cobriu-se toda a terra de trevas. 46Próximo da hora nona, Jesus exclamou em voz forte: “*Eli, Eli, lammá sabactáni*?” – o que quer dizer: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. 47A essas palavras, alguns dos que lá estavam diziam: “Ele chama por Elias”. 48Imediatamente, um deles tomou uma esponja, embebeu-a em vinagre e apresentou-lha na ponta de uma vara para que bebesse. 49Os outros diziam: “Deixa! Vejamos se Elias virá socorrê-lo”. 50Jesus de novo lançou um grande brado, e entregou a alma. 51E eis que o véu do templo se rasgou em duas partes de alto a baixo, a terra tremeu, fenderam-se as rochas. 52Os sepulcros se abriram e os corpos de muitos justos ressuscitaram. 53Saindo de suas sepulturas, entraram na cidade santa depois da ressurreição de Jesus e apareceram a muitas pessoas. 54O centurião e seus homens que montavam guarda a Jesus, dian­te do estremecimento da terra e de tudo o que se passava, disseram entre si, possuídos de grande temor: “Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus!”. (Mt 27,11-54)

O Evangelho de hoje, extensa passagem narrada por Mateus, convida-nos à reflexão sobre a entrada de Jesus em Jerusalém, ovacionado pelos presentes, sem que, entretanto, nos esqueçamos de que se direciona à sua paixão e morte, ao supremo momento de sua vida de plena e integral doação à nossa salvação, livrando-nos da escravidão do pecado. Lembremo-nos que o amor revelado na cruz é a plenitude deste dom que não se limita no Jesus histórico, mas expande-se para toda a divina encarnação de forma misericordiosa e salvífica. Dá-se início, assim, em Jerusalém, ao derradeiro ato do programa enunciado em Nazaré, quando Jesus se entrega por amor à morte na cruz. Não para finalizar sua trajetória, mas sim para dar nascimento ao verdadeiro Reino dos Céus em nosso meio, composto de homens novos, livres, onde todos se irmanam unidos pelo amor divino. É em Jerusalém onde se finda a vida limitada e se inicia a vida em plenitude; é de onde partem as primeiras testemunhas de Jesus, seus primeiros discípulos, iniciando o anúncio de sua Palavra, disseminando a sua Verdade, com vistas a construção do Reino no eterno aqui e agora que engloba todos os cantos e todos os povos, até os confins do mundo.

Todos os evangelistas narram a triunfante entrada de Jesus em Jerusalém, porém, apenas no Evangelho de João vê-se narrado o episódio da ressurreição de Lázaro, antecedendo a chegada de Jesus em Jerusalém, que para João é a razão da presença de muitos na recepção de Jesus: “*Uma grande multidão de judeus veio a saber que Jesus lá estava; e chegou, não somente por causa de Jesus, mas ainda para ver Lázaro, que ele ressuscitara*”. (cf. Jo 12,9)

Lázaro, discípulo amigo de Jesus, por Ele ressuscitado, fora citado pelos fariseus nesta passagem em João, como alvo de ira e desejo de morte, pelo milagre nele ocorrido, fato que levou muitos a crerem em Jesus como o verdadeiro Cristo.

Apesar do ponto central dessa passagem ser a entrada de Jesus em Jerusalém, cabe o destaque de alguns aspectos sobre a ressurreição de Lázaro, para podermos vinculá-la à festa de ramos, enriquecendo, assim, tal reflexão.

Diferentemente do senso comum, toda morte dá início a um fato sucessivo, podendo ser vista, não como o fim, mas o começo. A morte da semente dá vida à árvore; a morte do feto dá vida ao novo recém-nascido; milhões de células que morrem a cada minuto em nosso organismo dão vida a outros milhões. Toda morte gera um novo começo.

Como já vimos nas reflexões deste período quaresmal, para que nos vinculemos a Cristo Jesus, para que o acolhamos em nossa vida, para que entreguemos nosso ser em suas mãos, para que seja feita a sua vontade, faz-se necessário que morramos para o mundo, que morramos para tudo aquilo que nos afasta do Criador, o que corresponde à nossa renovação. Para ressuscitarmos com Jesus e com Ele vivermos à eternidade, precisamos, antes, acompanhá-lo em seu calvário, carregarmos nossa cruz e, com Ele, sermos crucificados e mortos. Não a morte física, o sofrimento carnal, mas a morte para o mal, para o egoísmo, para o orgulho, para a soberba, para a vaidade, enfim, para tudo que obstaculiza nossa caminhada rumo à gloriosa ressurreição.

Visualizemos a morte que Lázaro dessa forma. Para que ele pudesse ser ressuscitado por Jesus, necessariamente, ele deveria ter morrido para as coisas do mundo, permitindo que Cristo Jesus pudesse dar-lhe a genuína liberdade, a real salvação, a verdadeira vida. Esse, sem dúvida, é o maior dos milagres!

De qualquer forma, o ocorrido é revestido de tamanha importância que, segundo São João, Lázaro passou a ser alvo de morte para os fariseus. A conversão retumbante de alguém, tendo ele recebido “nova vida”, “vida plena”, “vida eterna”, é um risco destacável à burocrática religião defendida pelos fariseus e doutores da Lei. Cuja prática, rituais, normas e formas eram muito mais importantes que o cuidado amoroso com o próximo, que a espiritualidade que rege as ações do bem, que o sentido da prática caridosa com o outro. Para eles, a forma era muito mais importante que o conteúdo. Era tudo que Jesus Cristo combatia. É obvio que Lázaro, representando a mudança de conteúdo, a ressurreição da vida espiritual, sua morte para as coisas do mundo e o início de uma vida plena em Cristo, deveria ser perseguido e alvo de extermínio. Ele transformara-se em um grande risco para a estabilidade das instituições religiosas formais, à época.

É nesse clima que Jesus entra em Jerusalém. Como aquele que ressuscitara um morto para a vida, como o verdadeiro rei de Israel, como aquele que veio em nome do Senhor – um grande espetáculo para o povo. Sua recepção com ramos, com alegria e júbilo, representa a festa da aparência, a festa da esperança da solução de problemas pessoais, a festa para se obter a paz e a alegria limitadas às coisas deste mundo, pois, normalmente, é apenas com elas que as pessoas se preocupam em seu cotidiano. Normalmente, as pessoas não são contra nem a favor de Jesus, elas desejam os espetáculos e os milagres que possam melhorar sua vida. Recepcionam-no com pompas, por ser um “fazedor de milagres”. Será que, na maioria das vezes, ainda hoje, não vamos a Ele com esse mesmo intuito?

Cumprindo a profecia de Zacarias (cf. Zc 9,9), o Messias entra triunfante em Jerusalém, montado num jumentinho e, por causa dos grandes sinais realizados, o povo, cheios de curiosidade e alegria, entoa cânticos messiânicos reconhecendo-O como tal. Apesar de não duradoura, é uma entrada triunfal. De forma paradoxal, tão rapidamente murcham os ramos verdes, o entusiástico hosana transforma-se em um furioso grito para que Jesus fosse morto e crucificado: “*Crucifica-o!*”. Podemos encontrar no sermão de São Bernardo, sobre o Dia de Ramos, importante questionamento sobre tal contraposição:

Como eram diferentes umas vozes e outras: “Fora! Fora! Crucifica-o!” e “Bendito o que vem em nome do Senhor, hosana nas alturas”. Como são diferentes as vozes que agora o aclamam “Rei de Israel” e dentro de poucos dias dirão: “Não temos outro rei além de César”. Como são diferentes os ramos verdes e a Cruz, as flores e os espinhos! Àquele a quem antes estendiam as próprias vestes, dali a pouco o despojam das suas e lançam a sorte sobre elas. (São Bernardo, Sermão no Domingo de Ramos).

A acolhida e a rejeição em sequência seriam um verdadeiro paradoxo? Uma postura contraditória dos presentes?

Na verdade, são atitudes que, frequentemente, denunciam o entusiasmo e a alegria iniciais embasados na euforia dos fatos miraculosos que envolvem aspectos mundanos, tal como o ganho material, a conquista amorosa, a valorização profissional acarretando uma promoção almejada, até mesmo a cura de males físicos indesejados. Igualmente o povo que acolheu Jesus com cânticos e demonstrações de reverência, reconhecendo-O como o verdadeiro Cristo, o filho de Deus e portador do poder capaz de conquistas desejadas e destruição dos inimigos, a possibilidade de terem uma vida melhor e mais prazerosa. Em contrapartida, há o desapontamento, o abandono, a frustração e os questionamentos quando se evidencia a necessária entrega requerida para a verdadeira mudança, a quebra dos esquemas rotineiros, a morte aos interesses mundanos, ao egoísmo, à cobiça, à vaidade, para que haja, verdadeiramente, o renascimento para novos hábitos. A ressurreição física deixa de ter importância diante do renascimento para a vida plena. Os ganhos materiais passam a ser irrelevantes diante da salvação adquirida, da verdadeira iluminação e auto-realização. Eis a razão da acolhida triunfal de Jesus pelas mesmas pessoas que uma semana depois soltam gritos clamando por sua morte. Aquele cujo reino não é deste mundo não merece reverência!

Quantas vezes recebemos Cristo em nossa vida, com júbilo e ramos de árvores nas mãos, acreditando que Ele trará alegria, satisfação, conforto e sossego para nossa atribulada vida neste mundo? Quantas vezes O recebemos com festas, pela felicidade diante de um grande feito que nos rendeu mais dinheiro e alegria? Quantas pessoas foram ao encontro de Jesus, ao entrar em Jerusalém, para conhecer aquele que teria ressuscitado um morto, sem saber, no entanto, que tal ressurreição não era um show pirotécnico, mas a ressurreição de um homem que nEle creu e passou a viver com Ele à eternidade? Teriam elas tido a mesma “curiosidade” se soubessem que a nova vida concedida ao amigo amado de Jesus fora a vida abundante em Sua companhia – a ressurreição espiritual? Procuramos Jesus Cristo, em nossas orações, com a certeza de que nada neste mundo é importante, que tudo é ilusão, buscando, somente, a verdadeira paz no Senhor? Os mártires morriam cantando, felizes, não pelo sofrimento físico, não pela dor, mas pela possibilidade do encontro com Deus e com Ele poderem usufruír da paz e da vida eternas.

O povo recepcionou jubilosamente Jesus em Sua entrada em Jerusalém, uma semana antes de condená-lo à morte. Enorme mudança e em período tão curto. Receberam o seu salvador, aquele que iria resolver seus problemas, aquele que passaria a reinar Israel, aquele que iria substituir Davi na união do povo escolhido, aquele que iria destruir seu inimigo dominador. Porém, ao oferecer seu reino pelo caminho do amor, da paz e da humildade, deixou de ter a gloriosa acolhida. Ninguém estava preparado para isso. Poderia, esse rei ser aceito por pessoas que buscam a glória neste mundo, a riqueza e as conquistas no cotidiano temporal? Poderia esse Deus ser recebido com festa e júbilo em nosso dia-a-dia? Estamos preparados para Ele, hoje? Costumo pensar que se houvesse uma nova encarnação divina, uma nova vinda de Jesus na atualidade e o seu discurso fosse o mesmo, poucas portas a Ele se abririam, seria tão ou mais difícil ser acolhido pelas pessoas, possivelmente possuiria muito menos seguidores do que há 2.000 anos atrás. É bem capaz que os portões dos templos religiosos que O reverenciam em seus cultos e celebrações fossem cerrados evitando sua entrada e seu ensinamento.

Reflitamos sobre o domingo de ramos, daquela época e os de cada dia, juntamente com a morte de Jesus Cristo em sequência. Recepcionemos, sim, a entrada de Jesus Cristo em nossa vida, mas não para a solução de nossos problemas atuais, não para nos libertarmos de dificuldades e labores, mas sim para que Ele nos ressuscite, como fez com Lázaro, ajudando-nos a morrer para as ilusões desde mundo, com vistas a colocá-Lo, de fato, como centro de nossa vida. Busquemos a verdadeira paz do Senhor, não somente a efêmera e perene alegria temporal.

Que recepcionemos Jesus com ramos de árvore, acolhendo-O verdadeiramente em nossa vida, seguindo com Ele em seu calvário e morte para as coisas passageiras e ilusórias, para que, também com Ele, possamos viver verdadeiramente, após a ressurreição.

Fiquem com Deus e recebam meu abraço fraterno,

Rev. Frei João Milton.